

BORGES E O USO DA HISTÓRIA

WALTER CARLOS COSTA

Universidade Federal de Santa Catarina
walter.costa@gmail.com

A relação da literatura de Borges com a história tem causado assombro em muitos de seus leitores e não poucas polêmicas entre os especialistas. Neste texto pretendo situar e caracterizar brevemente “Avelino Arredondo”, conto do volume *El libro de arena*, publicado pela primeira vez em 1975. Este conto marca a última etapa da representação da realidade histórica na ficção borgiana, pois nele, Borges, como veremos, faz ficção – e, creio eu, da melhor – com elementos estritamente históricos. É como se o escritor, em pleno domínio de suas faculdades narrativas e estilísticas, se dedicasse um momento a exhibir sua habilidade trabalhando com um conteúdo de domínio público.

Borges afirma, repetidas vezes, que Poe inventou o conto policial e, ao mesmo tempo, um novo tipo de leitor, o leitor desconfiado. O crítico tem, ou deveria ter, algo similar a esse leitor que Poe teria inaugurado, naturalmente desconfiando do que o narrador diz, já que é prudente não esquecer que o ficcionista é, como sugere a etimologia, um fingidor. Curiosamente, boa parte da crítica borgiana parece ter levado a sério a seguinte afirmação da voz narrativa de “Pierre Menard, autor del Quijote”:

Menard (acaso sin quererlo) ha enriquecido mediante una técnica nueva el arte detenido y rudimentario de la lectura: la técnica del anacronismo deliberado y de las atribuciones erróneas. (Borges 1996a: 450)

Como algumas vezes, sobretudo em seus escritos mais famosos, Borges põe à prova, de forma bem-humorada, a cultura geral de seus leitores, misturando dados reais e inventados, chegou-se rapidamente à conclusão de que as atribuições errôneas eram a regra, não a exceção.

Como a ironia e a auto-ironia perpassam todo o texto borgiano, os leitores cultos, entre eles os críticos, parecem ter optado pela via mais segura. Talvez por temerem passar por ingênuos, preferem ver nos textos de Borges fantasia, onde, com frequência, há meras referências reais, de tipo enciclopédico. Ou seja, o fato de o sentimento de irrealidade ser uma constante na percepção da escrita de Borges, leva muitos a crer que na maior parte das vezes suas referências são inventadas. Uma investigação, realizada por Andréa Cesco (disponível em http://www.cce.ufsc.br/~espanhol/projborges/index_espanol.htm), nos contos de *Ficciones*, mostra que a imensa maioria das referências de Borges, neste livro carregado de irrealidade, corresponde a pessoas e coisas com existência histórica comprovada.

Paralelo ao par verdadeiro-falso está o par história-invenção. Como um dos traços da ficção de Borges é o elemento fantástico, chegou-se à conclusão de que ele ignorava, ou desprezava, a história. Suas posições políticas, tantas vezes desconcertantes, pareciam confirmar sua falta de senso histórico.

Cabe assinalar, contudo, que alguns críticos, entre eles Davi Arrigucci Jr (1984: 67-90) e Daniel Balderston (1996), já tinham percebido que a ligação de Borges com o mundo real e a história, inclusive com a história de seu país, é muito mais profunda do que parece à primeira vista. Nos últimos anos, essa posição adquiriu muito peso nos estudos borgianos.

No entanto, parece-me que as duas posições, tanto a que sustenta o peso da irrealidade em Borges, como a que realça os laços explícitos que o prendem à história, deixam de lado um aspecto fundamental, que tem a ver com a poética de Borges. Essa poética tende a tomar todos os textos, inclusive o texto da história e dos historiadores, como material propício para a literatura.

Fontes

Antes de mais nada, convém lembrar que Borges, como Machado de Assis, é um homem literário por excelência, ou seja, Borges coloca a literatura acima de todas as coisas e para ele todas as coisas podem ser ou se tornar literatura. Se, famosamente, considerava a religião um dos ramos da literatura fantástica, Borges também parecia considerar a história e a historiografia como materiais ou instrumentos para construir seus jogos literários. É uma posição lúdica – próxima à de tantos escritores ingleses preferidos de Borges – e que tem sido vista por muitos, sobretudo no contexto latino-americano das últimas décadas, como inconseqüente ou irresponsável.

Segundo Emir Rodríguez Monegal (1978: 115), Borges teria aprendido a arte de fundir realidade e ficção, contaminando a primeira com a segunda, do escritor inglês De Quincey, em especial do texto “The Last Days of Immanuel Kant” [Os últimos dias de Immanuel Kant].

En ese artículo Georgie probablemente descubrió otro muy importante aspecto del método de escritura de De Quincey. Al narrar los últimos días de Kant, el escritor inglés creó un solo texto partiendo de narraciones de diversos testigos (Wasianski, Jachman, Rink y Borowski, entre otros), pero en lugar de indicar la fuente en cada caso, prefirió presentar ese *collage* de textos como una sola narración atribuida a Wasianski, para obtener unidad literaria. Borges seguiría el método al componer sus heterodoxas biografías de Historia universal de la infamia. También aquí la unidad del texto disfraza el sutil *collage* de las fuentes, que son parcialmente indicadas en la sección bibliográfica del libro. (Monegal 1987: 115)

O fato é que aprendeu muito, e diretamente, com os próprios historiadores. É possível que Borges (contrariando a opinião, corrente em uma época, de que ele não se interessava pela realidade concreta nem pela história) tenha sido um dos escritores que mais leu as grandes obras historiográficas. Em seu ensaio de autobiografia, ditado a Norman Thomas di Giovanni, um de seus tradutores norte-americanos, diz que durante os nove anos de “sólida infelicidade” que passou trabalhando em uma biblioteca de subúrbio em Buenos Aires, fazia seu trabalho em uma hora e passava o restante do tempo lendo ou escrevendo:

I remember in this way rereading the six volumes of Vicente Fidel López' *History of the Argentine Republic*. (Borges 1971: 242).

Vicente Fidel López aparece, ademais, na *Antología clásica de la literatura argentina*, que organizou em 1937 em colaboração com Pedro Henríquez Ureña e que inclui textos julgados de qualidade literária, escritos entre os séculos XVII e XIX.

Entre os livros da coleção “Biblioteca Personal”, que organizou em 1984 a pedido da editora argentina Hyspamérica, Borges inclui Heródoto ao lado de romancistas e contistas. No prólogo que escreveu para essa publicação, justifica a inclusão do historiador grego em uma coleção literária nos seguintes termos:

En el más venturoso de sus ensayos, publicado a principios de 1842, De Quincey lo celebra con el entusiasmo y con la frescura que hoy es de uso aplicar a los escritores contemporáneos, no a los antiguos. Lo considera el primer enciclopedista y el primer etnólogo y geógrafo. Lo apoda el Padre de la Prosa que, según Coleridge, debió asombrar más a la gente que la poesía, que en todas las literaturas es anterior. (Borges 1988: 82)

Em muitas oportunidades, inclusive sob o disfarce do narrador em contos como “El jardín de senderos que se bifurcan”, de *Ficciones*, ou “El otro”, do *Libro de arena*, Borges expressa também sua admiração pelas qualidades estilísticas da prosa de Tácito, o historiador romano:

No había casi nadie en el andén. Recorrí los coches: recuerdo a unos labradores, una enlutada, un joven que leía con fervor los *Anales* de Tácito, un soldado herido y feliz. (Borges 1996a: 474)
En el armario de tu cuarto hay dos filas de libros. Los tres volúmenes de *Las mil y una noches* de Lane, con grabados en acero y notas en cuerpo menor entre capítulo, el diccionario latino de Quicherat, la *Germania* de Tácito en latín y en la versión de Gordon, un *Don Quijote* de la casa Garnier, las *Tablas*

de Sangre de Rivera Indarte, con la dedicatoria del autor, el *Sartor Resartus* de Carlyle, una biografía de Amiel y, escondido detrás de los demás, un libro en rústica sobre las costumbres sexuales de los pueblos balcánicos. (Borges 1996b: 12)

Digno de nota ainda é a observação sobre a obra *Charles XII*, de Voltaire. Em entrevista a Osvaldo Ferrari declara:

No obstante, Voltaire, sin proponérselo, y acaso sin saberlo, escribió una obra épica, que es el libro sobre Carlos XII de Suecia; de quien Voltaire dijo que se trataba del hombre más extraordinario del mundo. Parece que la obra, desde el punto de vista histórico es muy falible, debido a que los conocimientos de Voltaire en ese sentido eran superficiales; pero a pesar de eso, es una epopeya. (Borges-Ferrari 1986: 200)

Etapas na relação história/ficção

Dentro de sua própria ficção, podemos distinguir três etapas do aproveitamento do material histórico por parte de Borges. A primeira etapa estaria em *Historia universal de la infamia*, em que histórias de personagens verdadeiros são transformadas através de alguns detalhes inventados. O método, segundo Borges, provém, entre outros, do francês Marcel Schwob, um dos muitos escritores que Borges tirou do esquecimento. O procedimento é assim descrito em seu prólogo à edição argentina de *Vidas imaginarias*:

Sus *Vidas imaginarias* datan de 1896. Para su escritura Schwob inventó un método curioso. Los protagonistas son reales; los hechos pueden ser fabulosos y no pocas veces fantásticos. El sabor peculiar de este volumen está en ese vaivén. (...)

Hacia 1935 escribí un libro candoroso, que se llamaba *Historia universal de la infamia*. Una de sus muchas fuentes, no señalada por la crítica, fue este libro de Schwob. (Borges 1988: 70)

A segunda etapa corresponde aos dois livros vistos, quase unanimemente, como os mais originais de Borges: *Ficciones* e *El Aleph*. Nesses dois volumes, o histórico aparece subordinado ao fantástico e ao inventado, através de vários procedimentos de ficcionalização e des-realização dos referentes. A voz narrativa assume uma postura parecida à de Sterne ou Machado de Assis, chamando constantemente a atenção do leitor para o fato de que está lendo uma ficção. Exemplo típico é o conto “Tema del traidor y del héroe”, que começa assim:

Bajo el notorio influjo de Chesterton (discurridor y exornador de elegantes misterios) y del consejero áulico Leibniz (que inventó la armonía preestablecida), he imaginado este argumento, que escribiré tal vez y que ya de algún modo me justifica, en las tardes inútiles. Faltan pormenores, rectificaciones, ajustes; hay zonas de la historia que no me fueron reveladas aún; hoy 3 de enero de 1944, la vislumbro así.

La acción transcurre en un país oprimido y tenaz: Polonia, Irlanda, la república de Venecia, algún Estado sudamericano o balcánico... (...) Digamos (para comodidad narrativa) Irlanda; digamos 1824. (Borges 1996: 496)

Outro é o tom de “Avelino Arredondo”, do *Libro de arena* (publicado em 1975 e recolhido em Borges 1966 III: 11-73) que representa, no meu entender, a terceira e última etapa da relação entre história e ficção na obra

de Borges. O texto, de apenas quatro páginas, começa imitando o tom de certa historiografia:

El hecho aconteció en Montevideo, en 1897.

As quatro páginas que se seguem contêm, de forma quase exata, fatos históricos reais, como comprovou Pablo Rocca em seu artigo “Uno o dos destinos sudamericanos – ficción y realidad en ‘Avelino Arredondo’” (Rocca 2001).

Rodríguez Monegal recorda as circunstâncias que precederam a escrita do conto:

Hacia 1971, visitando un día Buenos Aires, me encontré con Borges en La Recoleta [...], y nos pusimos a conversar sobre un cuento que pensaba escribir por entonces. Era la historia de Avelino Arredondo [...]. Me preguntó si me acordaba de las circunstancias precisas del crimen y tuve que admitir que, salvo las generalidades, no podía recordar lo que sin duda alguna vez había leído [...]. Le sugerí que fuéramos a la Biblioteca Nacional, de la que todavía era Director, para revisar un par de libros. Así lo hicimos, y pronto estábamos engolfados en la lectura de los *Anales históricos del Uruguay*, de Eduardo Acevedo, y en la biografía del Presidente por sus dos hijas. Allí leímos que el estudiante Arredondo (también llamado obrero y analfabeto en otras fuentes) había actuado por iniciativa propia, sin cómplices, e inspirado por el odio general al Presidente. Aquella época era tan inocente de iconografías que Arredondo nunca había visto una imagen de Idiarte Borda. [...] Estaba leyendo con todo entusiasmo cuando Borges me detuvo: “No lea más, sino no voy a poder inventar nada”. Años después, cuando leí el relato “Avelino Arredondo” [...] descubrí que Borges había desechado casi todos los detalles que tan dedicadamente le había leído en las fuentes históricas para concentrarse en la aventura interior del magnicida. (“La imaginación de Borges”, in “Borges: la traza de la novela”, sobre *El libro de arena*, en *Plural*, México, octubre 1975, vol. V, N° 1, p. 2)

O conto de Borges retoma a história de Avelino Arredondo, um jovem *colorado* que em 25 de agosto de 1897, assassinou o, também *colorado*, presidente Juan Idiarte Borda à saída de um Te Deum, em uma rua lateral à Plaza Matriz em Montevideú. O país estava em guerra civil, devido à revolta dos *blancos*, liderados por Patricio Saravia, contra um governo tido como despótico. Pablo Rocca, no artigo citado, reconstitui minuciosamente os fatos que precederam e sucederam o assassinato e comprova que a trama principal e a quase totalidade dos detalhes correspondem estritamente ao acontecido. Acrescenta que Borges se interessou pelo caso por múltiplos motivos: o crime foi, aparentemente, obra de um único indivíduo movido por um desejo de justiça, ocorreu no Uruguai, país ao qual Borges estava ligado por fortes laços familiares e, finalmente, porque o vitorioso defensor de Arredondo foi nada menos que seu tio-avô uruguaio Luis Melián Lafinur, que Borges admirava e que cita em vários outros textos. Melián Lafinur, ademais, escrevera um libelo contra o governo de Idiarte Borda antes do assassinato e sua atuação como advogado teve, portanto, um interesse não apenas profissional mas político e ético. Pablo Rocca observa também que

Contra la opinión de Rodríguez Monegal, (...) casi todos los detalles de los relatos historiográficos son incorporados por Borges a la ficción. Ahora

bien, en principio es cierto, como plantea el crítico uruguayo, que el narrador se concentra en la “aventura interior del magnicida”; es cierto que asigna la mayor porción de la diégesis a las prácticas de Arredondo durante la larga etapa de su encierro voluntario y atento a la fecha crucial. (...) El lector de “Avelino Arredondo” sabe tanto o más de las vacilaciones y las torturas interiores del personaje, de la perseverante edificación de una psicología para el cautiverio, de Clara o de los amigos de Avelino que del propio Borda, sus seguidores y el desarrollo de los episodios militares en el cruento 1897. (Rocca 2001: 168-9)

Respeitar os fatos, mas dar todo o peso ao drama interno do protagonista é, provavelmente, um dos procedimentos que permitem a Borges ficcionalizar a história com tamanha destreza. Aqui ele parece estar seguindo uma lição aprendida com um de seus mestres preferidos, o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, que afirmou:

Um romance será de um gênero tão mais alto e nobre quanto mais refletir a vida interior e menos a vida exterior [...] enquanto nos maus romances os acontecimentos externos existem por si. A arte consiste em saber pôr no movimento mais intenso possível a vida interior, empregando um mínimo de acontecimentos externos: porque a vida interior é, na realidade, o objeto de nosso interesse. (1984: 229)

Finalmente, um dos méritos desse conto, extraordinário em tantos sentidos, é lançar uma luz sobre os recursos presentes nos contos mais opacos e intratáveis de Borges. Em “Avelino Arredondo”, pelo fato de a matéria ser tão facilmente detectada e tão completamente circunscrita, os procedimentos narrativos e de ficcionalização de Borges estão, por assim dizer, a descoberto.

REFERÊNCIAS

- Arrigucci Jr, Davi “Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano)”, *Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade* v. 45, n. 1-4, São Paulo, 1984.
- Borges, Jorge Luis “An Autobiographical Essay” in *The Aleph and Other Stories*. Edited and translated by Norman Thomas di Giovanni in collaboration with the author. London: Jonathan Cape, 1971.
- Borges, Jorge Luis & Henríquez Ureña, Pedro *Antología clásica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.
- Borges, Jorge Luis *Obras completas I*. Madrid: Emecé, 1996a.
- Borges, Jorge Luis *Obras completas II*. Madrid: Emecé, 1996b.
- Borges, Jorge Luis *Biblioteca personal*. Madrid: Alianza, 1988.

Borges, Jorge Luis & Ferrari, Oswaldo *En diálogo II*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986.

Rocca, Pablo, “Uno o dos destinos sudamericanos. Ficción y realidad en ‘Avelino Arredondo’”, *Revista Iberoamericana* LXVII/194-195, (enero-junio 2001).

Rodríguez Monegal, Emir *Borges – una biografía literaria*, traducción de Homero Alsina Thevenet. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

Schopenhauer, Arthur *Le monde comme volonté et comme représentation*, traduit par A. Burdeau. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.